

ENTREVISTA INTERVIEW

SAMIR MACHADO DE MACHADO: UM AUTOR EM BUSCA DE EXCEÇÕES

Carlos André Moreira

Jornalista

Numa tarde de chuva e vento no fim de maio de 2023, falei por mais de uma hora com o escritor Samir Machado de Machado em seu apartamento no bairro Bom Fim – espaço urbano de Porto Alegre que já passou por mais de uma transformação ao longo dos anos, da comunidade eminentemente judaica retratada nos livros de Moacyr Scliar ao bairro de caráter jovem e boêmio presente em alguns contos de Daniel Galera ou Daniel Pellizzari. Samir é um dos autores dessa geração surgida a partir dos anos 2000, mas o espaço do Bom Fim ou ambientes contemporâneos não figuram em seus livros, e sim tempos e locais da História, retratados em uma mistura ambiciosa de elementos do entretenimento de massa, gêneros tradicionais e questões contemporâneas. É assim, por exemplo, que seu livro mais recente, *O Crime do Bom Nazista* (2023), mescla um mistério de assassinato à moda de Agatha Christie, reconstituição histórica e um paralelo inevitável entre a ascensão do totalitarismo na Alemanha dos anos 1930 e no Brasil contemporâneo. Nome representativo da jovem ficção contemporânea no Brasil, Machado falou sobre temas recorrentes nos seus romances e sobre como sua escrita busca exceções do passado para iluminar o presente. Também abordou seu processo de escrita e pesquisa para a produção de seus livros e construção de personagens e o quanto o Brasil poderia se beneficiar de um projeto consciente de construção de uma literatura nacional de entretenimento.

CAM – Vamos começar pelo seu livro mais recente, *O Crime do Bom Nazista* (2023). É uma narrativa que parece lidar com dois eixos de espelhamento. Um no espaço e na geografia, dado que é uma narrativa ambientada em um dirigível que trafega da Alemanha para o Brasil. Outro, temporal, menos explícito, dado que muito do que se vê na ideologia das personagens, muitas simpatizantes do nazismo, espelha, inclusive textualmente, bastante do que se viu nos últimos tempos na política nacional. Esse foi um processo consciente de composição?

SMM - Sim e não. No sentido de que já fazia muito tempo que eu tinha a ideia vaga de escrever alguma coisa envolvendo o Zepelim. A primeira ideia que tive era, inclusive, para um infanto-juvenil. O resultado desse livro foi uma soma de fatores. Houve um convite para escrever um conto para uma coletânea que ainda não saiu. Houve um mal-entendido meu no tamanho máximo que deveria ter o conto. Aí já pensei em transformar o material em uma novela. Esse livro foi escrito em 2021, comecei a escrever no meio da pandemia, no meio do governo Bolsonaro. Estava defendendo minha dissertação de mestrado em Escrita Criativa, e meu orientador, o professor Ricardo Timm de Souza, estava publicando um livro sobre a sua linha de pesquisa¹ e tive aulas com ele sobre o discurso do que ele chama de “pensamento idolátrico”, ou seja, do totalitarismo do estalinismo soviético, do nazismo e da comparação óbvia que se fazia naquele momento com o bolsonarismo, análogo ao nazismo em métodos, em formas de se organizar socialmente. Depois me dei conta de que era um momento em que eu estava isolado em casa, no auge da pandemia, então essa circunstância talvez tenha se refletido na ideia de escrever uma história em um ambiente isolado, em que as pessoas não podem sair e são obrigadas a conviver umas com as outras. E a questão de espelhar o presente no passado eu já vinha desenvolvendo nos livros anteriores. Para mim é algo que acontece naturalmente, porque são temas que me interessam: a tendência natural da sociedade brasileira para o autoritarismo, os discursos que embasam isso, e como isso não é novo, é constante e contínuo desde os tempos coloniais. Sempre que pesquiso outras épocas, outras temporalidades, eu vejo esses ecos do presente. E no caso da década de 1930, a relação com movimentos totalitários era evidente, ainda mais vivendo no Sul do Brasil.

CAM – Há também a questão de que no período em que se passa o livro também no Brasil há um regime totalitário concentrado na figura de um líder de massas, Getúlio Vargas. E outro elemento é que essas tensões e similaridades são vistas por personagens que são todas estrangeiras, mas que veem pontos de contato entre a sua Alemanha nazista e o regime instaurado no Brasil.

¹ SOUZA, Ricardo Timm de. **Crítica da razão idolátrica**: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência. Porto Alegre: Editora Zouk, 2020.

SMM – Nos meus livros, sempre coloco, de alguma forma, um olhar externo sobre o Brasil. No meu *Quatro Soldados* (2013), o narrador é um não brasileiro, é um judeu português exilado que olha para a realidade colonial brasileira com um olhar “de fora”. Em *Tupinilândia* (2018), toda a construção daquele parque temático, que é uma espécie de catálogo da cultura brasileira, é feita por um filho de imigrantes americanos que tem uma visão meio externa sobre a nossa sociedade. Nunca parei para refletir por que me interessa fazer dessa forma, mas me parece a forma natural. Talvez porque eu me sinta um pouco alienígena na minha própria cultura. Estudei uns sete anos no Colégio Israelita, aqui de Porto Alegre, e foi uma experiência muito bacana estar imerso em uma cultura que eu sabia que não era a minha, mas da qual participava. Eu fazia o *Shabat* com os meus colegas, mas olhava aquilo com uma perspectiva externa. Estar imerso em uma cultura e não se sentir parte dela sempre foi natural para mim. Também tem a questão de que em qualquer época que eu escreva tento imaginar como me sentiria naquela época e habitando aquele espaço. Isso envolve, claro, ter sempre personagens homossexuais, algo que eu tenho feito desde *Homens Elegantes* (2016). Como essa personagem seria tratada naquele espaço, naquela época? E talvez tenha sido esse um dos motivos pelos quais eu tenha ido atrás da sociedade alemã daquele período: o fato de que a cultura LGBT da Berlim da República de Weimar era bastante avançada e liberal se comparada com qualquer outra época, especialmente com o Brasil, até mesmo com o Brasil de hoje. Fiquei fascinado ao descobrir que havia publicações que se podia encontrar em banca, revistas, voltadas exclusivamente para gays, exclusivamente para lésbicas, exclusivamente para travestis. E como isso contrasta com a realidade brasileira? Eu não chego a abordar no livro como é a realidade LGBT brasileira nos anos 1920, 1930. Nem acho que seria necessário, porque esse cenário da Alemanha era uma exceção muito avançada para a época. Mas me interessou esse contraste do momento em que eu trago aquele Zepelim cheio de alemães para o Brasil da ditadura Vargas, os imediatos paralelos que se formam na comparação entre as duas culturas.

CAM – Acho que é interessante esse ponto que você aborda porque, de modo geral, o entendimento histórico sobre o período de Weimar, o período pré-nazista, mesmo em obras artísticas como *Cabaret*, é de ver naquela sociedade de costumes

liberais uma atmosfera decadentista que não conseguiu conter o avanço nazista. Você a recupera como uma cena vibrante, numa reversão dessa ideia feita.

SMM – Acho que uma coisa sempre esteve ligada à outra. Era uma sociedade decadente no sentido de que vivia uma crise econômica fortíssima. É uma especulação minha aqui, havia outros fatores relacionados a isso, mas me parece que nessa sociedade muitos se libertam por sentirem que não têm nada mais a perder. Quando a gente começa a olhar à distância, vemos que as sociedades alternam determinados períodos mais liberais com outros mais conservadores. Quando escrevo sobre a Europa Iluminista da segunda metade do século XVIII, é um período extremamente liberal de costumes LGBTs na Inglaterra, na França e até mesmo em Portugal, a partir do momento em que o Marques do Pombal combate a Inquisição e a faz perder poder. E depois, no século XIX, com a industrialização e a emergência da cultura vitoriana, surge uma sociedade extremamente repressiva em termos de costumes. Depois da I Guerra Mundial, no século XX, as pessoas começam a ter a percepção de que não têm nada a perder e surge esse período de extrema liberalidade.

CAM – É interessante que você olha para esses períodos decadentes como um ponto não de corrosão, mas de inovação, de certo modo.

SMM – Eu parto do princípio de que sociedades conservadoras não geram inovação. E é apenas depois que ela passa por um período de costumes mais liberais que ela se torna inovadora em termos artísticos, de cultura. *O Crime do Bom Nazista* é cheio de citações a artistas expressionistas, artistas Art Déco que florescem justamente nesse período de liberalidade. E tudo isso, claro, é combatido pelo nazismo, que via o expressionismo alemão como “degenerado”. Um filme como *O Gabinete do Doutor Calegari* (1920) é considerado horrível por eles porque é narrado do ponto de vista de um louco.

CAM – Me parece significativo que, mesmo tendo pegado emprestado elementos da literatura de entretenimento, sua obra seja extremamente política. Anos

antes de haver um Bolsonaro na Presidência da República, o vilão do livro *Homens Elegantes* se chamava Conde de Bolsonaro. No livro mais recente você cita textualmente falas de nomes importantes do governo Bolsonaro, como Mario Frias, Ricardo Alvin e o próprio presidente, ditas pelas personagens simpatizantes do nazismo. Me parece haver aí uma coragem combativa interessante, ainda mais pelo fato de que esses grupos costumam responder de modo agressivo e por vezes violento.

SMM – No caso do Conde de Bolsonaro, que era o principal antagonista do romance *Homens Elegantes*, eu comecei a escrever o livro em 2013, ano das manifestações de junho, e o livro foi publicado em 2016, ano do impeachment. Foi um período em que era visível na imprensa uma espécie de vale-tudo desde que fosse alcançado o objetivo de derrubar um governo do PT. Valia mesmo dar voz para os extremismos mais absurdos. Foi nessa época, por exemplo, que o J.R. Guzzo publicou na sua coluna na *Veja* um texto chamado *Sobre cabras e espinafres* em que ele comparava o casamento homoafetivo com bestialismo, basicamente. E havia uma tolerância na imprensa e no *mainstream* em geral ao discurso de ódio. A escolha do nome “Bolsonaro” para o antagonista do livro foi bastante pragmática. O protagonista era um homem gay, então eu queria um antagonista que, desde o momento em que seu nome fosse citado, o meu leitor brasileiro saberia que aquele só poderia ser o vilão por ser o nome do maior homofóbico que existe no Brasil. Tanto que o nome completo da personagem é um amálgama de nomes como Reinaldo Azevedo, Olavo de Carvalho, que estavam bem fortes na imprensa brasileira daquele período na disseminação do ódio político. O que é curioso, porque hoje em dia o Bolsonaro caiu em desgraça, o Olavo de Carvalho está “em silêncio”, digamos, e o Reinaldo Azevedo deu uma guinada de 180 graus e se tornou, não vou dizer esquerdista, mas antilavajista, digamos assim, já que aqueles também eram os anos da Lava-Jato. E parando pra pensar, tudo o que publiquei entre *O Crime do Bom Nazista* e *Homens Elegantes* é extremamente político e uma reação ao clima muito conturbado do Brasil durante esse período. Assisti recentemente a um debate entre Carol Bensimon e Daniel Galera em que eles comentaram esse aspecto meio alienado que a literatura pré-2013 podia se dar ao luxo de ter, porque se vivia em um tempo de bonança econômica e de poucas convulsões sociais. Meu primeiro romance, *Quatro Soldados*, que eu publiquei em 2013, ainda tem

um pouco isso, porque é um romance histórico de aventuras bem focado em questões mais literárias. Mas a partir de *Homens Elegantes* sempre vai aparecer esse diálogo com elementos políticos. No *Tupinilândia* tem os cripto-integralistas: quando o livro saiu, em 2018, parecia uma piada a ideia de que ainda pudesse haver integralistas no Brasil, e hoje a gente vê que é exatamente o caso. O próprio *Corpos Secos* (2020), que é uma produção em conjunto (com *Luísa Geisler, Natália Borges Polessio e Marcelo Ferroni*), foi escrito no finalzinho do governo Temer e no clima da eleição de 2018. Era uma especulação do que se poderia imaginar de um governo Bolsonaro que estava por vir e a gente desenvolveu isso em uma trama pós-apocalíptica de um Brasil tomado por mortos-vivos.

CAM – Sim, mas me parece que, de certo modo, o paralelo é mais aberto em *O Crime do Bom Nazista*.

SMM – Quando chega n' *O Crime do Bom Nazista*, eu já tinha chutado o balde e não conseguiria falar de nazismo sem o óbvio paralelo entre o bolsonarismo e o nazismo, que não fui eu que criei, foram eles próprios. Foi o ministro Ricardo Alvim quem decidiu literalmente repetir um discurso do Goebbels com um vídeo com o mesmo enquadramento. Foi o Bolsonaro que decidiu inventar que o avô dele era um soldado nazista que lutou por Hitler, quando na verdade o homem morava no interior de São Paulo e nunca foi para a guerra. Por que o presidente da República queria se gabar de ter um avô lutando com os nazistas? Por que ele quis fazer essa associação? É uma coisa que só posso especular, e eu especulo através da ficção. Não vejo, portanto, esse como um movimento muito corajoso, porque para mim é uma coisa que estava ali de modo evidente. O nazismo se organizava por meio de clubes de tiro, como o bolsonarismo. Era composto especialmente de homens de classe média frustrados pela crise econômica e pela derrota na I Guerra. Poderíamos colocar no paralelo com o bolsonarismo a frustração com as derrotas nas eleições aqui no Brasil. Usava o discurso de ódio contra minorias como elemento aglutinador, porque o ódio é uma coisa muito potente para aglutinação das massas. E saíam à rua batendo e caçando quem vestia vermelho por qualquer motivo, o que bolsonaristas também fizeram. Então os paralelos eram evidentes e, para mim, bastante óbvios: o discurso, a retórica, o modo de pensar.

A única coisa que o bolsonarismo não fez igual aos nazistas foi atacar abertamente os judeus. Mas está aí o livro do Michel Gherman, *O Não Judeu*², justamente destrinchando essa relação bizarra que eles têm com o estado de Israel e que não tem nada a ver com simpatia pelo judaísmo e sim com uma visão pós-apocalíptica do evangelismo neopentecostal.

CAM – Você citou um debate entre Carol Bensimon e Daniel Galera, e antes falou desse aspecto do olhar estrangeiro na sua obra. Acho que há sim uma poética pessoal nessa escolha, mas eu a vejo em sintonia com uma questão geracional, sendo que você parte de uma geração de escritores que se forma em um mundo globalizado, com a internet já a pleno, e para quem é natural a ideia de que o Brasil está dentro de um contexto mundial. Há um texto dos anos 1990 de Luís Augusto Fischer³ que define a geração de nomes como João Gilberto Noll e Caio Fernando Abreu como a “geração do apartamento alugado”: uma geração de escritores que são jovens profissionais urbanos sem dinheiro familiar. Eu vejo a sequência disso, a geração de vocês, como a “geração intercâmbio”, a de jovens que viajaram para o Exterior, já se formaram com a internet, etc.

SMM – Sim, acho que faz sentido. Por uma série de motivos e razões sociopolíticas que agora eu não consigo nem expandir, a minha geração teve uma oportunidade que talvez não estivesse disponível nos anos 1980, a de viajar a preços mais baratos e conhecer o Exterior e fazer essa comparação entre as sociedades estrangeiras e a brasileira naquilo que elas se parecem, naquilo que têm de diferente. O Galera participou do Amores Expressos com um romance ambientado na Argentina, *Cordilheira* (2008). A Carol já escreveu dois livros que se passam em parte nos Estados Unidos e têm esse olhar para o Brasil a partir de lá. E comigo, em 2013, quando eu estava lançando *Quatro Soldados*, viajei para Londres, foi a primeira vez que saí da

² GHERMAN, Michel. *O judeu não judeu: a tentativa de colonização do judaísmo pelo bolsonarismo*. São Paulo: Editora Fósforo, 2022.

³ FISCHER, Luís Augusto. “As cinco gerações do mapa literário gaúcho”. *Zero Hora*, Caderno de Cultura, 2 nov 1996.

⁴ MOREIRA, Carlos André. “Em que ponto está a literatura gaúcha hoje?” *Sler*, 22 jun 2023. Artigo eletrônico disponível em <https://sler.com.br/em-que-ponto-esta-a-literatura-gaucha-hoje/>. Acesso em 25 jun 2023.

América Latina e conheci uma cidade da Europa, e foi uma experiência bastante catártica para mim. Porque Londres para mim sempre foi personagem de ficção. Era a Londres do Sherlock Holmes, dos contos do final do século XIX, de Harry Potter. Transformar Londres em personagem e, através disso, deglutir a cultura brasileira em contraste com aquilo, foi o que acabou motivando o *Homens Elegantes*. O *Tupinilândia* é um pouco isso também. Como se resume a cultura brasileira em um parque de diversões, um condensado que tu possas dizer: “isso aqui é o Brasil”?

CAM - E isso também dialoga com a inspiração que você tira da literatura de massa, por exemplo, da ficção de entretenimento?

SMM – Normalmente me perguntam se eu me incomodo de a minha literatura ser tida como “de entretenimento”, e eu não me incomodo. Ela é uma literatura de entretenimento, eu a penso dessa maneira. Mas no Brasil, parece que a literatura, desde os projetos do século XIX, com o Indianismo, tem a obrigação de tentar “definir o que é o Brasil”, de pensar o Brasil enquanto nação e parece que o entretenimento não faz parte disso. Eu estava lendo há pouco uma coletânea recente chamada *Tênebra*⁵, uma compilação de histórias de horror brasileiras, e na introdução os organizadores falam que esses contos foram desconsiderados durante muito tempo porque não se via o gótico como algo “brasileiro” e sim como uma influência estrangeira. Da mesma forma como a aventura colonial na qual eu me baseio, a aventura imperialista inglesa, era um gênero de identidade nacional. O entretenimento é um gênero muito mais político do que a mais engajada das literaturas, porque enquanto uma ficção literária busca desconstruir e repensar, o entretenimento não, ele constrói e afirma. Você pega os contos de autores ingleses do século XIX, como o próprio Conan Doyle ou *As Minas do Rei Salomão* (1885), e eles não estão questionando valores, estão partindo do pressuposto que o leitor já tem esses valores e concorda com eles. É bastante autoritário nesse sentido, mas assim é o entretenimento. Qualquer narrativa que parta de valores entre bem e mal está sendo bastante autoritária e impondo ao leitor os conceitos de bem e mal, para definir a partir daí a identidade da nação. A literatura de entretenimento

⁵ FRANÇA, Julio; NESTAREZ, Oscar (Orgs.). *Tênebra: narrativas brasileiras de horror [1839-1899]*. São Paulo: Editora Fósforo, 2022.

inglesa ensinava o leitor a ser um cidadão inglês. E esse é um dos problemas de termos no Brasil esse ranço com a literatura de entretenimento, porque a crítica, o meio acadêmico, o meio literário de forma geral, se focam tanto numa “alta literatura” que o entretenimento fica a cargo de produções estrangeiras, os livros mais vendidos acabam sendo estrangeiros. O povo brasileiro consome bastante entretenimento estrangeiro, autores americanos, autores ingleses, com obras de aventura, de horror, de ficção científica, de suspense, que estão sujeitas aos valores nacionais de outros países: ao individualismo americano, por exemplo, nas histórias de caubói e de super-heróis, ou ao senso de dever imperial nas narrativas inglesas, que têm ainda toda a xenofobia natural da cultura europeia. E pensar o entretenimento pelo nosso ponto de vista nacional eu acho importante como forma de repensar a nossa identidade. Então, no momento em que escrevo um romance em que todos os personagens são alemães e estão sobrevoando o Brasil, e eventualmente acabam pensando sobre o Brasil, é uma forma de tentar imaginar como eles nos veem e como isso afeta o modo como nós nos vemos.

CAM – A partir do *Homens Elegantes*, também vejo na sua literatura um propósito declarado de “tornar o invisível visível”. Como você já disse agora e até já escreveu no prefácio da sua tradução para *As Minas do Rei Salomão*⁶, a literatura de entretenimento não carrega só os valores de uma sociedade num determinado tempo e lugar, ela carrega seus preconceitos. E você pega essa moldura para trazer coisas que não seriam trazidas por conta desses preconceitos. Você cria um espião e herói de ação que também é um homem homossexual, em *Homens Elegantes* e *Homens Cordiais*. Você cria um parque temático em *Tupinilândia* que se torna o lugar perfeito para uma sociedade totalitária de inspiração integralista, numa aproximação entre ufanismo e totalitarismo. Em *O Crime do Bom Nazista* você recupera essa vibrante cultura queer da Alemanha dos anos 1920 e lembra que os homossexuais também foram vítimas do Holocausto nazista, tanto quanto judeus.

⁶ MACHADO, Samir Machado de. “Se a aventura tivesse um nome”. In: HAGGARD, Henry Rider. *As minas do rei Salomão*. São Paulo: Todavia, 2021. p. 9-41

SMM – Tem uma coisa que é importante pontuar aí: assim que os nazistas chegaram ao poder, antes de eles baixarem qualquer lei contra os judeus, a primeira, a primeiríssima minoria contra quem se voltaram foram os homossexuais de Berlim, mostrando que essa é a primeira minoria a ser atacada antes da retirada de outros direitos. Uma coisa que está acontecendo agora nos Estados Unidos, quando alguns estados mais conservadores começam a criar leis contra pessoas trans e também já estão começando a se voltar contra pessoas cis. No momento em que você impede uma pessoa de usar o banheiro do gênero em que ela se designa, já ocorreu de várias mulheres com uma aparência mais masculina serem barradas também, quando elas não são trans, são apenas mulheres fora do padrão de beleza tradicional. Que é uma coisa que eu até abordo de passagem n’ *O Crime do Bom Nazista*. Tem uma personagem, o doutor Vogler, que fala sobre formas de colocar uma educação eugenista na cabeça das pessoas, e uma dessas formas é patrocinar concursos de beleza que criem para a população um padrão de beleza validado pela ideologia oficial. E isso não é invenção minha. Os nazistas realmente falavam em patrocinar concursos de beleza.

CAM – Você escreveu um livro infantojuvenil chamado *Piratas à Vista* (2019). Não deixa de haver ali todos os outros elementos que você já identificou como caros ao seu trabalho. E ali também se foge de uma ideia feita da sociedade brasileira, dado que há um protagonista mestiço, há também uma mulher negra em situação social privilegiada – algo que historicamente seria mais restrito, mas que nem por isso deixou de existir.

SMM – Sim, historicamente existiu. Xica da Silva é um exemplo. Houve mulheres negras na sociedade brasileira que estavam em posição de conforto financeiro, eram senhoras de escravos, casadas com senhores brancos de posses e tudo mais. Na pesquisa para o livro, descobri que era tão constante o caso de brasileiros brancos ricos que casavam com mulheres negras e tinham filhos mestiços, “mulatos”, como se dizia à época, e que deixavam para esses filhos suas posses como herança, que começa a haver um incômodo no governo português de que as melhores terras das grandes propriedades brasileiras estavam indo para as mãos de mestiços. Então, de novo, essa é uma questão que, mesmo num livro infantojuvenil que conta a história de uma invasão

de piratas, no momento em que ele se passa no Brasil, traz questões que não estariam em *A Ilha do tesouro*, do Stevenson. E mesmo os livros do Stevenson embutem várias questões sociais da Inglaterra que considero interessantes. Por exemplo, *Raptado* (1886), é uma história de aventuras que se passa na Escócia, mas grande parte do enredo envolve a questão da escravidão branca na Inglaterra. Antes da Inglaterra se escorar unicamente na escravidão de negros cativos da África, eles tinham um sistema de escravidão por dívidas, que eu não duvido que daqui a algum tempo seja algo que volte a surgir numa sociedade capitalista tardia. E o Stevenson usa essa história, esse modelo da história de aventura, para discutir isso, a loucura que era a sociedade inglesa ter um sistema de escravidão por dívidas. Enfim, escrever uma história de piratas nesse modelo me permite inverter o foco e trabalhar questões mais interessantes para o leitor brasileiro.

CAM – Você comentou que não vê problema que a sua literatura seja percebida também como “entretenimento”, que é uma postura que eu também enxergo em outros nomes de sua geração, como Antônio Xerxenesky ou Luísa Geisler. Mas academicamente a sua obra poderia ser definida como vinculada a uma estética e a procedimentos criativos do que se chamaria de pós-moderno: há uma ironia aguda e autoconsciente que retrata, critica por dentro, e também não perde de vista o estatuto ficcional da obra. Você, como criador, concorda com essa avaliação?

SMM – Certamente. Eu fui entender o conceito de pós-moderno jogando videogames. Eu estava jogando um jogo chamado *Fallout 2* (1998), e vi que no meio do enredo havia uma série de personagens cujo nome eram referências a outras obras, filmes, livros, às vezes um plot, uma frase, era uma colagem de outros elementos. E aí eu fui ler o *Mason e Dixon* (1997), do Thomas Pynchon, e há uma cena em que eles encontram uma comunidade de judeus, e todos eles se saúdam usando um sinal de “vida longa e próspera”, que é uma referência ao Dr. Spock de *Jornada nas Estrelas*. E aí isso abriu para mim o entendimento de que mesmo que você esteja escrevendo um romance histórico sobre o século XIX baseado numa ampla pesquisa, você o está escrevendo no século XXI, não tem como ignorar tudo o que veio culturalmente antes e ajudou a te formar. Então mesmo numa história que se passa há 200 anos você pode inserir referências contemporâneas disfarçadas de uma forma irônica. Que é uma forma

de dar uma piscada para o leitor e dizer “olha, nós sabemos que isso aqui não foi escrito há 300 anos”, este é um livro do século XXI e não ignora o que veio depois.

CAM – O escritor Luiz Antônio de Assis Brasil, outro autor que também se dedica sistematicamente ao romance histórico, já declarou numa entrevista para o jornal *Zero Hora* sobre sua obra e sobre os protagonistas dos seus romances históricos: “As minhas personagens não se comportam como gente daqueles séculos. Isso só a ficção pode fazer. São pessoas que têm um sentir do mundo ligado à contemporaneidade”⁷. Pelo que você comenta, é esse também o seu procedimento: recriar histórias no passado com protagonistas com sensibilidades do presente.

SMM – Totalmente. Estou escrevendo agora uma grande narrativa épica. E uma das coisas que concluí é que não conseguiria criar uma personagem com a mentalidade da época... ou talvez até conseguisse, mas não seria uma personagem agradável de acompanhar por muito tempo, porque se você pensa a sociedade brasileira no período colonial, era uma sociedade escravagista. Se eu criar uma personagem que é um homem de posses, ele vai ter que ter escravos. Eu quero criar uma personagem tal que eu consiga me colocar no lugar dela e simpatizar com ela. Eu quero que tenha algumas ideias que seriam consideradas muito liberais ou “à frente de seu tempo”, mas essa é a questão: não existe ninguém de fato “à frente de seu tempo”. Mesmo as pessoas mais de mente aberta são reflexos dos elementos presentes na sua sociedade. E todo o período histórico sempre teve figuras bastante liberais que iam contra a corrente. Então, se tenho uma personagem que é uma mocinha que destoa do padrão, preciso pesquisar que precedentes houve para que aquela pessoa seja daquela forma, o que ela precisaria ter passado para ter aquelas ideias naquele momento. No caso do personagem Erico Borges, por exemplo (*protagonista de Homens elegantes e Homens cordiais*), ele tem um pai português, mas uma mãe inglesa, então tem contato com uma sociedade mais liberal. Ele tem leituras específicas que pessoas daquela época teriam lido, houve pessoas naquele tempo que questionaram a escravidão, a perseguição aos homossexuais, a própria centralidade da religião, se propondo ateias. Eu só preciso encontrar o que

⁷ “Luiz Antonio de Assis Brasil fala sobre os temas de seus livros”. Porto Alegre, 19 abr 2013. Versão eletrônica disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2013/04/luiz-antonio-de-assis-brasil-fala-sobre-os-temas-de-seus-livros-4111870.html>. Acesso em 25 jun 2023

ajudou essas pessoas a terem essa visão à parte da sua sociedade e colocar isso na personagem. A protagonista do livro que estou escrevendo agora foi criada pelo pai com a educação que se daria a um menino. Ela teve acesso a livros específicos, alguns ensaios do Montesquieu, por exemplo que deram a ela uma visão mais liberal sobre algumas coisas. E daí você vai ler sobre a *querelle des femmes*, a questão feminista no século XVIII e vai encontrar uma série de estudiosos, filósofos, filósofas e *salonnières* que liam e discutiam a questão da igualdade entre os sexos. Você vai encontrar uma figura como Chevalie D'Eon, a primeira pessoa abertamente trans da sociedade ocidental. E através dessas exceções eu vou encontrando os modos de sustentar que aquela personagem tenha uma mentalidade mais próxima da minha no século XXI do que da época.

CAM – Ou seja, há aí um movimento oposto àquele de criar um “tipo genérico”. Você busca uma exceção específica, algo que está claro já na própria pesquisa.

SMM – Minhas personagens são sempre exceções à sua época, então eu vou atrás daquelas que foram exceções. Na Inglaterra do século XVIII teve lá a Lady Montagu, que viajava para o Oriente, era interessada em ciências e tudo o mais. Houve várias figuras que viviam abertamente casos homossexuais escandalosos, mas que tinham dinheiro o bastante para se escudarem de qualquer tipo de incômodo social. Eu vou atrás desse tipo de exceção e do modo como elas conseguiam navegar na sociedade sem sofrer consequências. E isso na Europa do século XVIII. No Brasil do mesmo período, pela distância imensa da metrópole e por outra série de motivos, muitas vezes as pessoas simplesmente não se importavam, sabiam que a vizinha era lésbica e tinha caso com a fulaninha, mas não ligavam. Eventualmente alguém era denunciado para a Inquisição, mas a Inquisição, até vir de Portugal para cá, era uma distância enorme.

CAM – Como você mesmo estabeleceu, há uma construção nos seus livros profundamente enraizada na sociedade brasileira contemporânea e nos passos que se deu na nossa história para chegar a esse ponto. Qual a recepção de um livro desses quando é traduzido para outra língua em outro país, como ocorreu com *Tupinilândia*, um inventário histórico afetivo bem específico dos anos 1980, quando ganhou versão francesa?

SMM – Isso é curioso. Esse livro na França vendeu mais do que no Brasil, mais ou menos o dobro de exemplares. E pelo que acompanhei nas resenhas e nos comentários de leitores na internet, o primeiro motivo é uma fascinação pelo exótico do Brasil, pelo fato de ser um país do qual eles sabem muito pouco. Mas daí, em função talvez das repercussões do governo Bolsonaro, houve uma espécie de interesse pelo que estava acontecendo no Brasil, o que explica essa bizarria que é o governo Bolsonaro, que, internacionalmente, foi um choque: o que aconteceu para que de repente um país tão simpático tenha elegido um maníaco violento com discurso de ódio? E talvez esses sejam os elementos que atraíram os leitores. Porque a maioria dos comentários dizia: “Não sabia nada da cultura brasileira, fiquei boiando nesse mar de referências dos anos 1980”. Mas tem coisas da sociedade brasileira mostradas no livro que eles compartilham, que é o aspecto da colonização cultural norte-americana oitentista. Os EUA dos anos 1980 passaram por um boom econômico que dominou o mundo em termos de cinema, de desenhos animados, foi a década em que o público infantil se tornou um público consumidor. Basicamente todos os desenhos animados americanos do período já eram lançados com uma linha derivada de brinquedos. Tudo era marketing casado e uma propaganda agressiva para despertar o desejo de consumo nas crianças. E isso não afetou só o Brasil, então esse aspecto da colonização cultural americana, um dos elementos principais do *Tupinilândia*, foi também alvo do interesse do leitor francês. Mas claro, a edição francesa tem muitas notas de rodapé que não existem na edição brasileira, explicando o que é uma “cadeira do dragão”, uma forma de tortura típica da ditadura militar; explicando o que é um “brizolista”; o que é um “xis-coração”, um tipo de sanduíche específico aqui do RS feito com coração de frango; explicando o que era a Funai, coisas que eu nunca havia parado para pensar o quanto precisam ser explicadas fora do contexto brasileiro. E também tinha um mapa que não consta da edição brasileira mostrando o Brasil, onde fica a Floresta Amazônica, onde fica São Paulo e que há uma distância enorme entre os dois pontos, que não se vai num pulo feito o 007 no *Foguete da Morte* e que não há trem-bala ligando São Paulo a Rio como em *Velozes & Furiosos*.

CAM – Seu personagem recorrente da série iniciada com *Homens Elegantes* se chama Erico Borges, imagino que haja aí duas homenagens. Quais seriam os autores nacionais que você sente que influenciam seu trabalho ou servem de modelo?

SMM – O nome “Erico Borges” eu brinco que é uma homenagem aos meus dois “escritores gaúchos” favoritos, Erico Verissimo e Jorge Luís Borges (*risos*). Por uma série de fatores, em um primeiro momento minha influência literária veio mais da literatura estrangeira do que da brasileira. Tirando a literatura infantil, coisas como Pedro Bandeira ou Maria Dinorah, fui descobrir a literatura brasileira quando entrei na faculdade, nos anos 2000, e me dei conta de que tinha toda a Biblioteca da PUCRS à minha disposição. Foi ali que fui ler *O Tempo e o Vento* completo, a única trilogia de sete livros que existe (*risos*). Foi ali que fui me aproximar de Machado de Assis, que eu não tinha lido na escola. Nesse sentido, Erico e Machado foram mesmo os que mais me influenciaram. O humor do Jorge Amado, do pouco que li, gostei, mas tenho receio de ler demais e perder o encanto inicial. Na minha geração, Antônio Xerxenesky me influencia bastante como escritor. Eu vejo o tipo de livro que ele faz e aquilo abre uma questão para mim. Ele escreveu *F* (2014), que é um livro no qual ele condensou a influência que os anos 1980 teve nele. Aí eu pensei: se eu fosse fazer um livro sobre os meus anos 80, o que sairia? E aí veio o *Tupinilândia*. Ele escreveu o *Areia nos Dentes* (2008), que é um livro bastante pós-moderno, e aquilo me influenciou bastante quando eu escrevi *Quatro Soldados* e talvez até *Homens Elegantes*. O Daniel Galera também me influenciou bastante. Eu me lembro de ler uma parte específica do *Barba Ensopada de Sangue* (2013) que tinha uma excelente cena de sexo entre o protagonista e uma mulher e eu me lembro de pensar: “nossa, que cena boa, pena que são heteros. Onde estão os autores gays escrevendo sobre sexo?” E aí me dei conta de que poderia escrever algo assim para o *Homens Elegantes*. Foi aí que fui atrás de toda uma literatura LGBT. Bernardo Carvalho eu digo que é um excelente autor para se ler enquanto ainda se está no armário, porque a literatura dele tem umas personagens que de alguma forma escondem o que são, disfarçam a sua essência. Nunca esqueço o final do *Mongólia* (2003), uma cena que envolve um monge budista que tem um Buda tatuado no pênis e o outro monge que é apaixonado por ele meio que atinge o Nirvana contemplando aquilo. Acho essa cena sensacional. E quando comecei a escrever, fiz o que eu

considerava o básico, que é ler o que meus pares estão publicando: Luísa Geisler, Natália Polezzo, Daniel Galera, Michel Laub, Antonio Xerxenesky, Bernardo Carvalho, Paulo Scott. Todo mundo cita muito o João Gilberto Noll, mas o Noll foi um autor que eu li dois livros e não me marcou. Eu reconheço ali a sofisticação da palavra, o peso da prosa, vejo por que ele foi importante, mas não conectou comigo. Isso, aliás, foi outra coisa que fui aprendendo: ler bastante dos meus conterrâneos também para identificar aqueles que me interessam, de que gosto, de que posso usar alguma coisa, e aqueles que não me interessam. Depois de uma certa idade, a gente fica mais tranquilo em reconhecer que há coisas que não foram escritas para a gente.